

# DO BIOPODER À BIOÉTICA

Carlos Eduardo Almeida de Aguiar<sup>1</sup>

## RESUMO

A bioética emergiu em 1970, nos Estados Unidos, em um artigo do médico oncologista americano Van Rensselaer Potter, intitulado *Bioethics, the science of survival* [Bioética, a ciência da sobrevivência], bem como em seu livro *Bioethics: Bridge to the future* [Bioética: a ponte para o futuro]. Para Potter, havia uma separação muito perigosa entre a ciência e a reflexão humanista, fazendo-se necessário realizar uma ponte entre ambas. Na sua concepção, a bioética surge de uma situação alarmante, bem como de uma apreensão no que diz respeito ao progresso da ciência e dos seres humanos, colocando em dúvida a capacidade de sobrevivência da sociedade em razão do próprio progresso científico desenfreado. Este artigo objetiva mostrar, em uma análise crítica sobre o tema, por meio de revisão bibliográfica e método hipotético dedutivo, que as causas acima informadas trazem apenas o cume da origem da bioética, posto que, em verdade, o seu surgimento está diretamente ligado com a necessidade de se proteger a vida no planeta diante da gestão do homem sobre ela, ou seja, das dinâmicas socioculturais e econômico-políticas do gerenciamento da vida, isto é, ao biopoder, disciplinando corpos individuais e regulando as populações, fenômeno este identificado por Michel de Foucault.

## PALAVRAS-CHAVE

Bioética, ciência, seres humanos, vida, gestão, biopoder.

---

<sup>1</sup> Carlos Eduardo Almeida de Aguiar é advogado e aluno de Mestrado da Fundação de Ensino “Eurípides Soares da Rocha”.

## Introdução

A bioética emergiu em 1970, nos Estados Unidos, em um artigo do oncologista americano Van Rensselaer Potter, intitulado *Bioethics, the science of survival* [Bioética, a ciência da sobrevivência], bem como em seu livro *Bioethics: Bridge to the future* [Bioética: a ponte para o futuro].

Para Potter, havia uma separação muito perigosa entre a ciência e a reflexão humanista, fazendo-se necessário realizar uma ponte entre ambas, nascendo o termo bioética que representa uma harmonia entre a ciência dos sistemas vivos e o sistema dos valores humanos.

Na concepção de Potter, a bioética surge de uma situação alarmante, bem como de uma apreensão no que diz respeito ao progresso da ciência e dos seres humanos, colocando em dúvida a capacidade de sobrevivência da sociedade em razão do próprio progresso científico desenfreado. A ciência que supostamente deve favorecer a vida passa a ser seu algoz, a exemplo das armas biológicas, da alteração das formas de vida, das espécies e dos indivíduos.

Pesquisas mais recentes afirmam que em 15 de dezembro de 1926, na Alemanha, Fritz Jahr, pastor, foi quem primeiro escreveu sobre bioética em um artigo publicado na revista científica *Kosmos* intitulado: Ciências da vida e ética: velho conhecimento em novas roupagens.

Um terceiro colaborador desta fase inicial do surgimento da bioética foi Hans Jonas, filósofo judeu-alemão, que pensou em uma ética frente ao domínio crescente da civilização técnico-científica.

Van Rensselaer Potter, em 1971, apresentou a primeira definição de bioética, como sendo uma disciplina:

O objetivo desta disciplina, como eu vejo, seria ajudar a humanidade em direção a uma participação racional, mais cautelosa, no processo da evolução biológica e cultural. (...) Escolho “bio” para representar o conhecimento biológico, a ciência dos sistemas vivos, e “ética” para representar o conhecimento dos sistemas de valores humanos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> REICH, Warren T. The Birth of bioethics. Suplemento especial do Hastings Center Report, v. 23, n. 6, nov-dez 1993, p. 319. In: RODRIGUES, Maria Rafaela Junqueira Bruno. Biodireito. Alimentos transgênicos. 1ª ed. São Paulo: Lemos e Cruz, 2002. p. 54.

Não há um conceito único sobre o tema, podendo ser melhor definido como:

... um conjunto de pesquisas, de discursos e práticas, via de regra pluridisciplinares, que têm por objeto esclarecer e resolver questões éticas suscitadas pelos avanços e a aplicação das tecnociências biomédicas. (...) A rigor, a bioética não é nem uma disciplina, nem uma ciência, nem uma nova ética, pois sua prática e seu discurso se situam na interseção entre várias tecnociências (em particular, a medicina e a biologia, com suas múltiplas especializações); ciências humanas (sociologia, psicologia, politologia, psicanálise...) e disciplinas que não são propriamente ciências: a ética, para começar; o direito e, de maneira geral, a filosofia e a teologia. (...) A complexidade da bioética é, de fato, tríplice. Em primeiro lugar, está na encruzilhada entre um grande número de disciplinas. Em segundo lugar, o espaço de encontro, mais o menos conflitivo, de ideologias, morais, religiões, filosofias. Por fim, ela é um lugar de importantes embates (*enjeux*) para uma multidão de grupos de interesses e de poderes constitutivos da sociedade civil: associação de pacientes; corpo médico; defensores dos animais; associações paramédicas; grupos ecologistas; agro-business; indústrias farmacêuticas e de tecnologias médicas; bioindústria em geral.<sup>3</sup>

O cenário em que nasce a expressão bioética é marcado por vários fenômenos sociais e culturais que podem ser resumidos em 4 grupos distintos, a saber: o assombroso progresso das ciências biomédicas e o surgimento da preocupação sobre a capacidade de administração, pelo homem, de tamanho poder; a emergente consciência sobre a existência de direitos humanos inalienáveis; a quebra do mito da neutralidade ética da ciência; a imprescindibilidade de repensar a relação do homem com o planeta para uma convivência mais respeitosa e equilibrado do ambiente (Bento, 2008, pg. 21).

Não obstante essa amplitude de visão reivindicada por Potter, rapidamente o termo bioética limitou-se às questões suscitadas pelo desenvolvimento das ciências biológicas e sua aplicação na medicina.

As questões mais recorrentes envolvendo a bioética são: i- aborto; ii- eutanásia, iii- fecundação *in vitro*; iv- inseminação artificial; v- clonagem; vi- manipulação genética; vii- experimento com embriões humanos; viii- experimentação

---

<sup>3</sup> Hottois, G 2001. Bioéthique. G. Hottois & J-N. Missa. Nouvelle encyclopédie de bioéthique. Bruxelles: De Boeck, p. 124-126. Disponível em: <<http://www.ghente.org/bioetica/>>. Acesso em: 17/11/2015

com fármacos; ix- esterilização; x- a intervenção sobre o cérebro e a manipulação da personalidade; xi- métodos contraceptivos, relação médico-paciente; suicídio, homossexualidade etc.

Para bem enfrentar estas questões, houve e continua sendo necessário uma mudança dos valores sociais; negação de avanços desordenados da ciência; nova valorização da ética médica para resolver problemas postos pela democratização dos saberes, pelo pluralismo dos valores e pela secularização dos costumes; garantia da liberdade; contenção da atuação do homem sobre o meio-ambiente; respeito a vida e direito humanos, bem como a despersonalização do indivíduo no mundo sistêmico.

Na bioética o bem sempre é pensado a partir de um sujeito particular e nunca de forma abstrata ou coletivizada.

São princípios da bioética<sup>4</sup>: i- autonomia: consentimento livre e esclarecido; ii-beneficência: fazer sempre o bem, minimizar os riscos; iii- não maleficência: não causar dano ao outro; iv- justiça: tratar a todos com igualdade e equidade; v- autoconsciência: consciência de si mesmo; vi- consentimento informado: aquiescência livre no que diz respeito à qualquer tipo de tratamento. Rejeitar toda e qualquer pesquisa envolvendo seres humanos quando estes não expressarem o seu inequívoco consentimento, após completa informação sobre todos os desdobramentos do processo de investigação científica; vii- defesa da vida física; viii- a liberdade e a responsabilidade, que tem com pressuposto o princípio anterior. A liberdade é indissociável da responsabilidade, uma vez que, aquele que toma decisões deve aceitar as consequências destas; ix- a totalidade ou princípio terapêutico: Respeito ao todo unitário do indivíduo, que exige que a terapia seja proporcional a moléstia, buscando preservar o todo; x- a socialidade e a subsidiaridade: colaboração mútua entre os seres humanos na proteção e promoção da vida e saúde, bem como priorizar os que mais necessitam.

Uma tarefa fundamental para a elaboração da difusão da reflexão bioética, bem como, um terreno fértil de troca e combate contra as práticas aéticas, é constituído de duas estruturas típicas, nas quais a disciplina se desenvolve e se exprime: os Comitês éticos e os Centros de bioética.

Os Comitês éticos, presentes nos maiores hospitais e nos grandes laboratórios de pesquisa, são formados por representantes dos doentes e de expertos em diversos setores (medicina, sociologia, filosofia etc.) e vigiam sobre a eticidade da atividade

---

<sup>4</sup> FERREIRA, Jussara Suzi Assis Borges Nasser, Bioética e Biodireito. Disponível em <<http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Principios/BIODIREITO%20CONCEITO.pdf>>. Acesso em 16/11/2015.

realizada no instituto ao qual pertencem, com particular referimento aos protocolos clínicos e ao desenvolvimento de pesquisas e experimentos em seres humanos.

Os Centros de bioética, normalmente ligados a uma universidade, nos quais trabalham grupos de pesquisa sobre problemas emergentes, se predispõem a específicos programas didáticos, publicam revistas especializadas, tornam disponíveis dossiês informativos, repertórios bibliográficos e arquivos.

Dentre os centros mais prestigiados estão (Bento 2008, p.31 a 35):

- i- The Hasting Center, de Nova York, fundado em 1969, pelo filósofo D. Callahan e pelo psiquiatra W. Gaylin;
- ii- Kennedy Institute of Ethic, na Universidade de Georgetown, de Washington, criado em 1971 pelo fisiólogo de embriologia e pelo teólogo P. Ramsey. Nesta universidade a bioética chegou a ser uma disciplina universitária;
- iii- Instituto Borja de Bioética fundado em Barcelona em 1975, o primeiro inserido na Faculdade de Teologia;
- iv- Centro d'Etudes Bioéthiques, fundado em Bruxelas em 1983, por Jean-François Malherbe, docente de Filosofia da Medicina na Universidade Católica de Louvain;
- v- Centro de Bioética da Universidade do Sagrado Coração, fundado em Roma em 1985, e dirigido pelo Cardeal E. Sgreccia;
- vi- Escola de Medicina e ciências humanas do Instituto Científico São Rafael, fundado em Milão, em 1983;
- vii- Centro de Bioética de Gênova, fundado em 1984;
- viii- Sociedade Italiana de Bioética fundada em Florença, em 1987;
- iv- Fundação Lanza, fundada em Pádua, em 1988.

No Brasil, os principais comitês, centros, núcleos, conselhos e associações são (Bento 2008, p.31 a 35):

- i- Sociedade Brasileira de Bioética - SBB, que surgiu informalmente em 19 de agosto de 1992, na Universidade Estadual Paulista - UNESP, em Botucatu-SP, sob a liderança do médico Prof. Dr. Willian Saad Hossne, sendo oficializada em 1995, em São Paulo. A SBB tem um caráter pluralista e multidisciplinar, com mais de quinhentos associados das mais diversas áreas do saber;
- ii- Conselho Federal de Medicina, desde 1993;
- iii- Centro de Estudos do Instituto Oscar Freire;

iv- Centro Universitário São Camilo, tem atuação pioneira na realização de congressos de bioética e saúde no país (1993-1995);

v- Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS está o núcleo de estudos de Bioética e Comitê de Ética em Pesquisa, sob o comando do Dr. Josquim Clotet;

vi- Instituto Alfonsianum, em São Paulo, com o Dr. Márcio Fabri dos Anjos, desenvolve a reflexão “Bioética e Terceiro Mundo”;

vii- Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, sob a liderança de Débora Diniz. É a primeira organização não-governamental, sem fins lucrativos, voltada para a pesquisa, assessoramento e capacitação em bioética na América Latina, com sede em Brasília desde 1999;

viii- Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP. Uma das unidades técnico-científicas da Fundação Oswaldo Cruz. Na instituição atua Fermin Roland Schramm, que, ao lado de Miguel Kottow, propõe a chamada bioética de proteção, com quatro raízes: a) o compromisso político de todo o Estado; b) o fundamento ético da convivência; c) as limitações do paradigma bioético principalista norte-americano; d) a necessidade de uma ética própria para a América Latina, que faça eco à realidade socioeconômica de países em desenvolvimento. A instituição atua, ainda, na capacitação e formação de recursos humanos, produção científica e tecnológica e prestação de serviços de referência no campo da saúde pública, mantendo cooperações técnicas em todos os estados e municípios brasileiros, além de várias instituições nacionais e internacionais atuantes em diversos campos da saúde;

ix- O Núcleo de Bioética da Universidade Estadual de Londrina – UEL, no Paraná, sob a coordenação de José Eduardo de Siqueira, Doutor em Medicina e mestre em Bioética, que exerce as seguintes funções: avaliação de todos os protocolos de pesquisas da UEL; coordenação da disciplina de bioética no curso de graduação de Medicina e da promoção de seminários, palestras e jornadas de bioética. É composto de outros grupos tais como: Comitê de Ética em Pesquisa; Comitê de Bioética do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná, curso de especialização, grupo de estudos etc.

Como outra forma de reflexão sobre a bioética Potter propõe uma partilha entre a Ciência e a Religião. Segundo o oncologista, não é correta a ideia de que no futuro a ciência terá respostas para tudo:

XXXX

Uma questão central para os nossos esforços deve ser a promoção do diálogo entre a ciência e a religião em relação à sobrevivência humana e da biosfera. Durante séculos, a questão dos

valores humanos foi considerada como estando para além do campo científico e propriedade exclusiva dos teólogos e filósofos seculares. Hoje devemos sublinhar que os cientistas, não somente têm valores transcendentais, mas também os valores que estão embutidos no *ethos* científico necessitam ser integrados com aqueles da religião e filosofia para facilitar processos políticos benéficos para a saúde global do meio ambiente.<sup>5</sup>

Pois bem, todos estes fatos acima descritos, apontam apenas a cume do surgimento da bioética. Tal expressão não seria nem mesmo imaginável sem uma longa pré-história.

### **Aspectos do biopoder**

Para os gregos o vocábulo vida era indicado pela palavra “zoé” cujo significado é a vida de todos os seres vivos, a vida natural, biológica, comum entre humanos e animais, bem como pela palavra “bios” que designa a vida humana em sua dimensão pública, moral e política, construída pela práxis dos sujeitos.

Até os tempos modernos a “zoé” dos seres humanos, ou seja, a sua vida física e a sua saúde, eram assuntos restritos ao âmbito da família, não sendo preocupação do Estado (pólis).

Com o passar dos anos a vida biológica (zoé) passou a ter interesse ao Estado, que passou a criar estratégias para geri-la estabelecendo formas de pensamento e de comportamento. Esse fenômeno foi chamado por Michel de Foucault como biopoder: “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”. (FOUCAULT, 1977-1978, p.3)

O surgimento da medicina social é exemplo de tal interesse do Estado, que substituiu o poder de matar pela administração da vida, gerindo os corpos da forma que lhe convém.

O ser humano passa a ser classificado, zelado, incitado e multiplicado, dentro dos interesses do Estado, que o obriga a desempenhar tarefas e o destina a um certo modo de viver ou morrer, de acordo com sua utilidade. Busca-se adestrar indivíduo e docilizar os corpos, se valendo de instituições fechadas e controladas tais como as escolas, as fábricas, os hospitais, as prisões, dentre outras, controlando,

---

<sup>5</sup> Potter VR. Science, religion must share quest for global survival. *The Scientist*. 1994;8:1-12

o tempo sobre eles (crescimento da produção), e o espaço entre eles (cada pessoa em um lugar rigorosamente controlado, evitando formação de grupos, em uma vigilância infundável, criando uma fórmula de ser humano apto para funcionar e manter a sociedade capitalista).

Para Foucault, antes o Estado causava a morte ou permitia a vida tendo como base as guerras ou a pena de morte (poder soberano), a partir do século XVII, ele assumiu a tarefa de administrar a vida por meio da disciplina dos corpos ou dos controles reguladores das populações (sociedade disciplinar).

O biopoder cuida de questões tais como nascimento, vida, morte, saúde, buscando modificar o corpo, transformá-lo, aperfeiçoá-lo, conhecê-lo para melhor dominá-lo, sendo necessário docilizá-lo para torná-lo produtivo.

A medicina passa a assumir uma característica social de concentração do poder e do capitalismo.

Dentro desta visão utilitarista, só o que é útil tem valor. Assim sendo pessoas tidas por improdutivas, que geram um alto custo para a sociedade, que não dispõem de aptidões físicas ou mentais para produzir, são categorizadas como inúteis e, portanto, descartáveis, tais como deficientes, crianças, donas de casa, doentes e idosos.

Segundo Foucault: “O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento” (FOUCAULT, 1988, p. 154).

Assim sendo a valorização do homem foi ferramenta para docilizá-lo e dominá-lo. Passa-se da sociedade de soberania para as sociedades disciplinares, como aparelho de produção capitalista, fazendo com que a vida se transformasse em uma grande mercadoria econômica.

Hoje não se fala mais e em sociedade disciplinar, mas em sociedade de controle, o Estado não age mais em pequenos espaços (casas, fábricas, escolas etc), mas em toda sociedade, isto é, dos lugares restritos das instituições, para todas as áreas da vida social.

A sociedade de controle, tida como uma nova fase do biopoder, nasceu após a segunda guerra mundial (Deleuze 1992, p. 219 -26). Essa mudança está ligada principalmente, às inovações tecnológicas utilizadas para o controle social, como as câmeras de vídeos, celulares, internet, cartão de crédito e transponders.

Para Antonio Negri (2001, p. 42) “as sociedades de controle são aquelas nas quais mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social...”.



Nas atuais sociedades de controle, a intenção não é de explicar ou convencer e sim de seduzir e conquistar por meio de instrumentos tecnológicos que levam o controle para dentro das casas. É o princípio da sedução do controle que se opõe à coerção das sociedades disciplinares.

Hodiernamente, o biopoder se fortalece com a biotecnologia, impelido pelo mercado.

### **Relação entre biopoder e bioética**

Durante o tempo em que a evolução da vida sujeitava-se apenas à sorte da evolução natural não se falava em questões éticas envolvendo a vida. Contudo, com a gestão da vida (biopoder), nasce uma carga de intenções e valores que necessitam de um juízo ético com o propósito de zelar e preservar este bem precioso. Destarte, a ética é inserida no contexto da vida com o nascimento do biopoder.

A existência da bioética pressupõe a existência do biopoder, portanto, estes institutos são indissociáveis.

Em uma análise mais desenvolvida: a bioética tem o condão de assumir uma postura crítica frente a toda e qualquer prática que atente contra a vida e a saúde. Para tanto, assume o papel de debater a gestão da vida como meta política, visando alcançar uma autonomia da consciência e a edificação de uma sociedade democrática, sob pena de permanecer na superficialidade dos problemas éticos e de cultivar uma visão disforme da realidade.

Assim sendo, só é possível entender a complexidade e a profundidade da ideologia e dos determinantes políticos que dão suporte às intervenções abusivas sobre a vida e a saúde, especialmente do ser humano, com a interpretação e estudo do biopoder.

O gerenciamento e a domesticação do homem, dentro dos interesses do Estado, advém de um longo processo, que hoje culmina com a necessidade de se buscar, a saúde perfeita e a imortalidade, não se importando com os valores da vida humana, fomentado pelo consumo de novas tecnologias. Pretende-se viver mais e melhor para se consumir cada vez mais, e se consome mais com o objetivo de obter a saúde perfeita e longevidade esperada, perfazendo-se um ciclo, induzido e administrado pelo Estado capitalista.

Tal fato fez com que o direito fosse repensado à luz da saúde.

O emprego das mais diversas práticas em benefício da saúde, atribui uma nova conformação ao biopoder, que passa a ser um negociador de demandas e

técnicas. Tudo girando em torno do consumo e do utilitarismo, agindo-se de forma menos visível aos olhos do povo.

A saúde passa ser forma de riqueza do Estado, que eleva o bem-estar e o prazer e repele toda e qualquer forma de sofrimento, dor ou insatisfação, como se tais sentimentos não fossem inerentes à natureza humana, dentro de uma visão capitalista de que a felicidade está nos bens de consumo, de tal forma que os medicamentos transformam-se em cápsulas de felicidade.

Segundo o filósofo britânico John Harris em seu livro sobre a melhora da espécie humana: “O que me importa é que as pessoas sejam melhores, mais felizes e vivam mais, e se o resultado é que se melhore a evolução até uma espécie diferente, inclusive até o ponto que não se possa cruzar com a espécie humana atual, eu creio que devemos fazê-lo” (*Enhancing evolution: The Ethical case for making better people*, editado pela Princenton Press. 2007).

Com base nesta infeliz reflexão pergunta-se: Quem será aquele ou aqueles que decidirão o que, de fato, é uma melhora, bem como qual melhora é almejada pelo ser humano e ao ser humano?

A resposta a esta pergunta certamente está no biopoder.

Foucault em sua obra *Doença Mental e Psicologia* (1975), afirma que todo saber é poder. Assim sendo, o saber médico, também incluído nesse pensamento, como poder que é, age como forma de controle sobre os corpos tornando-os úteis e dóceis. A medicina é, portanto, um instrumento de controle.

De se ressaltar que a medicina, enquanto ciência, é um meio que ajuda a compreender diversos acontecimento do mundo, contudo, é equivocada a ideia de que sua percepção dos fenômenos traz em si uma verdade absoluta. É certo que a realidade tem várias faces e a ótica científica é uma perspectiva, mas não a única. O mito da Verdade científica nasce como forma de controle e um remédio para a insegurança do ser humano.

## Conclusão

Em que pese o termo “bioética” seja recente, o seu surgimento está diretamente relacionado com o nascimento do biopoder.

Tal expressão não seria nem mesmo imaginável sem uma longa pré-história.

Durante o tempo em que a evolução da vida sujeitava-se apenas à sorte da evolução natural não se falava em questões éticas envolvendo a vida. Contudo, com a gestão da vida, nasce uma carga de intenções e valores que necessitam de um juízo

ético em relação ao bem mais precioso do homem, qual seja, a vida. Destarte a ética é inserida no contexto da vida com o nascimento do biopoder.

O biopoder surgiu a partir do momento em que o Estado despertou o interesse pela vida biológica do ser humano, passando a geri-la, estabelecendo formas de pensamento e comportamento.

Desde então, o ser humano passa a ser classificação, marcado, cevado, induzido e adestrado dentro dos interesses capitalistas do Estado, sob constante vigilância, passando a ser útil pelo sua produção.

A bioética tem o condão de assumir uma postura crítica frente a toda e qualquer prática que atente contra a vida e a saúde. Para tanto, assume o papel de debater a gestão da vida como meta política, visando alcançar uma autonomia da consciência e a edificação de uma sociedade democrática, sob pena de permanecer na superficialidade dos problemas éticos e de cultivar uma visão disforme da realidade, fadada, assim, ao insucesso.

Isto posto, só é possível entender a complexidade e a profundidade da ideologia e dos determinantes políticos que dão suporte às intervenções abusivas sobre a vida e a saúde, especialmente do ser humano, com a interpretação e estudo do biopoder.

---

## Referências

Ansenm, Reiner e Körtner. A polêmica da Biomedicina: Uma avaliação pelo prisma da responsabilidade cristã. Tradução de Inês Antonia Lohbauer. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

BENTO, A. Luis, Bioética: desafios éticos no debate contemporâneo. São Paulo, Paulinas, 2008.

DELEUZE, G. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FERREIRA, Jussara Suzi Assis Borges Nasser, Bioética e Biodireito. Disponível em <<http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Princípios/BIODIREITO%20CONCEITO.pdf>>. Acesso em 16/11/2015.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Doença mental e Psicologia. Traduzido por Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro.1975.Disponível em:<<http://ir.nmu.org.ua/bitstream/handle/123456789/131638/5174ee58a95d324bb833826602ef78d5.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10/11/2015.

HARDT, M. e NEGRI, A. Império. Rio de Janeiro, Record, 2001.

HARRIS, John. Enhancing Evolution: The Ethical Case for Making Better People. Princeton: Princeton University Press, 2007.

Hottois, G 2001. Bioéthique. G. Hottois & J-N. Missa. Nouvelle encyclopédie de bioéthique. Bruxelles: De Boeck, p. 124-126. Disponível em: <<http://www.ghente.org/bioetica/>>. Acesso em: 17/11/2015.

Martins, Alexandre Andrade. Bioética, saúde e vulnerabilidade: em defesa da dignidade dos vulneráveis, São Paulo, Paulus, 2012.

Potter VR. Bioethics. Bridge to the Future. Englewood Cliffs (NJ): Prentice Hall; 1971.

\_\_\_\_\_. Science, religion must share quest for global survival. The Scientist. 1994.

RODRIGUES, Maria Rafaela Junqueira Bruno. Biodireito. Alimentos transgênicos. 1ª ed. São Paulo: Lemos e Cruz, 2002.